

Devoração ou hospitalidade?*

Viviane Horta Generoso

160

Nosso objetivo é elaborar uma relação entre a antropofagia de Oswald de Andrade e a questão da alteridade em Michel Foucault. Essas duas experiências salientam que a literatura possui uma relação secreta com aquilo que é absolutamente outro. Andrade sustenta que a antropofagia tem um sentido ambivalente na sua relação com o outro: rivalidade e identificação. Segundo Foucault, a experiência de dehors, experiência-limite da qual testemunha a literatura, é uma outra forma de encontrar um lugar de “hospedagem” para o outro, o que foi excluído pela razão ocidental.

Palavras-chaves: Antropofagia, literatura, *dehors*, outro

* Texto apresentado em Mesa-redonda no V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental 2012, de 6 a 9 de setembro, Ponta Mar Hotel, Fortaleza, CE, Br.

Pode-se chamar de alteridade ao sentimento do outro, isto é, de ver-se o outro em si, de constatar-se em si o desastre, a mortificação ou a alegria do outro.

Oswald de Andrade (Um aspecto antropofágico da cultura brasileira – O homem cordial em: *a utopia antropofágica*, p. 216)

Proposta literária da antropofagia de Oswald de Andrade

No Brasil dos anos 1920, surgiu um forte sentimento nacionalista alimentado pelos modernistas brasileiros e marcado historicamente pela realização da Semana de Arte Moderna de 13 a 17 de fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo. Dentre os idealizadores dessa semana, destacam-se Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Cada qual a sua maneira, pretendia edificar uma identidade nacional mais nuançada para as artes e para a literatura. Ambos nutriam-se das ideias de vanguarda dos movimentos europeus da mesma época. Oswald de Andrade agregou ao movimento modernista brasileiro uma *experiência por participação*, ligada as suas inúmeras viagens à Europa e suas relações de amizade com os artistas franceses. Diferentemente da experiência de Mário de Andrade, que acompanhava, sem sair de São Paulo, as “novidades” vindas da Europa por meio de “incursões literárias” dos artistas vanguardistas. Mário de Andrade sempre reagia à moda europeia e *desconfiava da mercadoria importada*.

Para Oswald de Andrade foi o surgimento do conceito de primitivismo, comum às correntes artísticas e literárias europeias da época, que mais despertou seu interesse. Foi a temática do canibalismo usada na literatura a sua fonte de inspiração, para construir o movimento antropofágico no Brasil. As metáforas ligadas às imagens violentas de repastos antropofágicos, usadas pelo futurismo e pelo dadaísmo na Europa, associadas às motivações psicológicas, sociais e políticas de Oswald foram os primeiros pontos de convergência entre as correntes estrangeiras e o modernismo nascente brasileiro. Foi devido a essa influência do primitivismo que Oswald construiu a sua pró-

pria obra literária, repleta de ousadias teóricas e com uma forma particular de escritura.

Poesias em forma de manifestos

O “Manifesto Antropófago” escrito por Oswald de Andrade e publicado em 1928, na Revista Antropofágica, pode ser considerado um marco do movimento idealizado por ele que leva o mesmo nome. O Manifesto Antropófago é a segunda poesia escrita em forma de manifesto, a primeira, também muito conhecida, foi a Poesia Pau-Brasil. O segundo manifesto, mais político que o anterior, reafirma um modo de pensar que mescla ingenuidade, pureza, rebeldia e elaboração mítica. O objetivo de Andrade era rejeitar os modelos clássicos das artes e da literatura, herdado dos europeus, e fortalecer a língua portuguesa falada no Brasil. Por isso, seus manifestos literários enfatizavam a valorização da língua falada em detrimento das normas da sintaxe e da gramática portuguesa. Para Oswald a tradição linguística brasileira estava neutralizada por um bacharelismo, gabinetismo e academismo, um lado *doutor*, comum à elite cultural da época. É essa “erudição e eloquência” – comuns aos nossos bacharéis e gramáticos – o alvo que Oswald, ironicamente, tenta desconstruir no manifesto da Poesia Pau-Brasil: “A Língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária dos erros. Como falamos. Como somos” (Andrade, 2001, p. 61).

Seus manifestos pautavam pela irreverência, pela crítica e, principalmente, pela sátira. E tinham como objetivo *assimilar* os estímulos recebidos da Europa e *transformá-los* em princípios ativos para criar uma poesia “genuinamente” brasileira. Um misto do emprego literário – dos aspectos “bárbaros” originários da história de nossos primitivos – com os aspectos “civilizados” do mundo tecno-industrial nascente. A metáfora do canibalismo, nesse contexto, não foi escolhida por acaso, ela retratava a tendência da valorização do primitivismo no século XX.¹

¹O movimento *primitivista* europeu do século XX era formado por artistas e escritores de vanguarda europeia. Esse termo surge para denominar certas tendências da arte e das literaturas de vários países, bem como definir uma arte não acadêmica feita por artistas em sua grande maioria formada por autodidatas. Os movimentos de vanguarda fizeram do primitivismo um conceito polêmico que buscava elementos originários da arte nos sentimentos e nas emoções como fonte de possibilidades para a expressão plástica pura. Por exemplo, a obra *Les demoiselles d'Avignon* de Pablo Picasso, em 1907, que prenuncia o movimento cubista, influenciado pela arte primitiva das máscaras africanas. Ou ainda, o primitivismo dos pintores e poetas expressionistas, dadaístas e surrealistas que consistiu na expressão do sentimento espontâneo.

No livro, Oswald Canibal, Benedito Nunes mostra que a interferência dos movimentos europeus como cubismo, dadaísmo e surrealismo no desenvolvimento do movimento modernista no Brasil foi um “mal necessário”, ou como ele mesmo sugere, um importante *ritual de passagem para a literatura brasileira atingir sua maioridade*. O que pode ser verificado também, nesse trecho do Manifesto Antropofágico, é que, além do alimento europeu, Oswald também “deglutia” o haikai (*Haikai*) japonês para construir uma poética com sonoridade tupi que valorizava a concisão, no bom estilo japonês:

Catiti Catiti
Imara Notiá
Notiá Imara
Ipeju ...

Benedito Nunes e Haroldo de Campos, foram grandes defensores e divulgadores das obras literárias da antropofagia brasileira. Por isso, muito se deve ao trabalho desses dois escritores. Ambos concordam que a antropofagia brasileira não se reduz às matrizes do canibalismo europeu. “A imagem do canibal estava no ar”, diz Nunes, contudo, quem busca os antecedentes literários deve *recuar de autor por autor indefinidamente* (Nunes, 1979, p. 15 e 16).² O que importa para ambos autores é salientar a originalidade que Oswald de Andrade propôs para o Brasil, que consistia em recorrer à metáfora do canibalismo literário, para propor uma inversão do problema colonizado/colonizador. Ou seja, a inversão de uma situação adversa – vivida pelo mais fraco, colonizado, para uma situação favorável – vivenciada pelo mais forte, o colonizador. Nessa inversão, o colonizado que “devora” não visa somente a destruição daquilo que ele come, mas também se apropria das qualidades e das virtudes do devorado, de suas forças naturais, como forma de revalorização do *outro*, para o próprio fortalecimento de si.

O Brasil canibal

Essa tendência de um primitivismo canibal “próprio” da cultura brasileira — que reclamava Oswald de Andrade — é o que reforça as teses, defendidas por Campos e Nunes, de que as influências culturais vindas da Europa devem ser estudadas em uma perspectiva bilateral. Bilateral porque podemos dizer que os re-

²Benedito Nunes estabelece uma análise de recuo de autor por autor e suas respectivas influências para nos mostrar que esse trabalho não tem fim. Se começarmos por Cendrars, por exemplo, passaremos por Apollinaire, Marinetti e assim por diante.

ceptores são também agentes do processo.³ Destarte, a antropofagia defendida pelo autor do Manifesto Antropófago sugere que é pela *assimilação* que se pode ter uma visão crítica da história, a *assimilação* tem um papel de *apropriação, de desierarquização, de desconstrução*. Na tentativa de transformar algo desfavorável em favorável, como sugere ainda, Campos:

Todo passado que nos é “outro” merece ser negado. Vale dizer: ser comido, devorado. Com esta especificação elucidativa: o canibal era um “polemista” (do gr. pólemos = luta, combate) mas também um “antologista”: só devora os inimigos que considerava bravos, para deles tirar proteína e tutano para o robustecimento e a renovação de suas próprias forças naturais... Exemplo: Oswald de Andrade inspirou-se até certo ponto no cubismo poemático-itinerante de Blaise Cendrars (sobre quem, por outro lado, não deixou também de exercer influência no período heroico da criação da chamada “poesia pau-brasil”, 1923-1924). (Campos, 1981, p. 11 e 12)

A assimilação, no sentido metafórico da antropofagia de Andrade, é vista como uma ação vital, ela é o “instrumento” agressivo com o qual se constrói a crítica da sociedade, da religião, da ética e da política nacional. “(...) a devoração antropofágica é o símbolo cruento, misto de insulto e sacrilégio, de vilipêndio e de flagelação pública, como sucedâneo verbal da agressão física a um inimigo de muitas faces, imaterial e protético” (Nunes, 1979, p. 21). Essas *faces* são segundo Nunes: a sociedade brasileira (que nasceu sob a repressão política); a valorização do patriarcado (com seus padrões rígidos de conduta) e a intelectualidade brasileira (como “cópia” da intelectualidade europeia).⁴ A antropofagia oswaldiana como devoração é ainda, para Nunes: *metáfora, diagnóstico e terapêutica: Metáfora orgânica* – inspirada na cerimônia guerreira de imolação dos inimigos pelos índios tupis; *diagnóstico* da sociedade brasileira – traumatizada que nasceu sob a repressão do colonizador; e *terapêutica* – através das sátiras e das críticas literárias, recursos utilizados nas manifestações culturais de época. A terapêutica mobilizaria: “o instinto antropofágico outrora recalcado, então liberado numa catarse imaginária do espírito nacional”. Assim, a terapêutica seria o “remédio

³A antropofagia de Oswald de Andrade, segundo Haroldo de Campos, “É o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal, elaborado não a partir de uma perspectiva submissa e reconciliada do ‘bom selvagem’ (...), mas segundo o ponto de vista desabusado do ‘mau selvagem’, devorador de brancos, antropófago. (...) ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação: melhor ainda, uma ‘transvalorização’”. (Campos, 1981, p. 11 e 12).

⁴Sobre esse ponto ver também o trabalho de Roberto Schwartz, “As ideias fora do lugar”, publicado como introdução no seu ensaio sobre Machado de Assis *Ao vencedor as batatas*, Livraria Duas cidades.

drástico, salvador que serviria de tônico reconstituente do país e de vitamina ativadora de seu desenvolvimento futuro”. Essa terapêutica transformava o trauma repressivo em Superego coletivo (Nunes, 1979, p. 21).

No Manifesto Antropófago, Oswald coloca-se como legítimo herdeiro dos instintos ancestrais brasileiros. A originalidade do primitivismo nativo seria para ele o nascimento de todas as revoluções, a herança caraíba deveria também contribuir para as outras revoluções. Diz ele em seu Manifesto: “Queremos a revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem” (Andrade, 2011, p. 68). O caráter específico da antropofagia brasileira visava à desmistificação da história, à crítica da sociedade patriarcal e da cultura intelectual. Para Nunes existia, na originalidade do antropofagismo brasileiro, não só uma *coerência na loucura antropofágica* como *um sentido no não senso* oswaldiano.

A influência freudiana

Uma originalidade nacional que não negava que essa imagem antropofágica vinha de outros contextos. Ou seja, a primitividade, já estava inserida nos trabalhos de Lévy-Bruhl sobre a “mentalidade primitiva” por exemplo, mas de maneira suspeita: como algo a “ser estudado”, “civilizado”, domesticado, colonizado. A primitividade também estava nos trabalhos freudianos, principalmente “Totem e tabu”, como afirma o próprio autor no Manifesto Antropófago:

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar. (...)

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

O sentido de ambivalência da antropofagia como: liquidação, destruição, rivalidade/incorporação, assimilação, identificação, foi o recurso usado por Andrade para construir essa nova concepção da literatura brasileira. Influenciado pelos conceitos freudianos desenvolvidos no livro “Totem e tabu”, de 1913. Nesse ensaio, Freud salienta que os primitivos tinham sentimentos e emoções análogos àqueles que as pesquisas psicanalíticas nos permitiram descobrir nos nossos primitivos atuais e nas nossas crianças. Freud explica, a partir do mito, a passagem do estado natural ao social, fixando como hipótese o parricídio canibalesco. Ao assassinar e devorar o pai tirânico, chefe da horda, os filhos rebeldes o sucedem e interiorizam sua autoridade, como Superego coletivo que proíbe o incesto. A humanidade, a partir desse ciclo, está fadada a repetir a devoração antropofágica

transformando o tabu em totem. É importante sublinhar, sobretudo em relação à antropofagia de Oswald, que Freud indica que a comunhão cristã (isto é, o ritual de beber o sangue e comer o corpo de Cristo) repete de maneira simbólica e recalçando o rito canibal do qual ele fala.

Andrade sustenta também que a tese do inconsciente freudiano é uma homenagem ao “pensamento selvagem” e que a antropofagia brasileira estaria ligada (por diversos mecanismos psíquicos) a um “instinto antropofágico primário” de “nossa” cultura indígena no qual estaria a origem de todos os valores culturais. É novamente a transformação do tabu em totem, que liberta os recalques da nossa história para adotar os instintos caraiabas que estão “gravados” no nosso pensamento selvagem. Ou seja, o ócio, as festas, a valorização da vida paradisíaca, tão caras aos nossos selvagens, estavam em contraste com a sociedade opressora, como ele mesmo afirma no seu Manifesto:

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama. (Andrade, 2011, p. 74)

A sua antropofagia pretende “abolir as diferenças” e os conflitos, com a *incorporação* de tudo que é objeto de exclusão, de rejeição: o estrangeiro, o louco, o delinquente, o instintivo. A relação com o *outro* é oposta àquela da sociedade opressora moderna, que rejeita os outros não “desejados”, isolando-os em estabelecimentos destinados a esse uso, como, por exemplo, as prisões, os asilos, os hospitais, os guetos suburbanos. A antropofagia, vista sob o ângulo oswaldiano, valoriza a relação com o *outro*, na medida em que reconhece na “primitividade” um valor. Essa primitividade se mostra em choque com as leis, com o Estado e por isso em oposição ao patriarcado. O patriarcado foi, segundo Oswald, construído na lógica da razão clássica opressora, na separação radical do *outro*; enquanto o matriarcado, defendido por ele, pode acolher esse outro – *A alteridade é no Brasil um dos sinais remanescentes da cultura matriarcal*, como ele diz com suas próprias palavras (Andrade, 2011, p. 216).

O matriarcado como utopia antropofágica

Só o matriarcado produz, para Oswald, uma cultura antropofágica devido a sua convivência livre com a natureza, a sua condição libertadora das relações de parentesco (como, por exemplo, o filho de direito materno) e com a produção coletiva do solo (próprias das sociedades abertas). O matriarcado consiste ainda em unidade social da vida primitiva, sem propriedade privada e sem classe

social. Já o patriarcado é o seu oposto na medida em que nasce do casamento monogâmico, da divisão do trabalho e da propriedade privada. Essas relações matriarcais e antropofágicas constituíram o *status* do homem natural, do homem “primitivo” idealizado por Oswald em sua obra.

A cultura matriarcal produz esse duplo aspecto. Compreende a *vida como devoração* e a simboliza no rito antropofágico, que é comunhão.

De outro lado a devoração traz em si a imanência do perigo. E produz a solidariedade social que se define em alteridade. (Andrade, 2011, p. 218)

Na sua utopia antropofágica, o patriarcado seria a sociedade possível para acolher a alteridade. Oswald usa o modelo oral, da *devoração*, para reivindicar uma exterioridade em relação aos modelos europeus, em relação ao outro ocidental, que ele pretende incorporar, deglutir, para transformar em algo novo.

Reconhecemos que a utopia oswaldiana, com todas as suas influências, está distante de garantir “o lugar” para todos os objetos das rejeições que a civilização racional impôs, por exemplo, a loucura, o “irracional”. Interessa-nos, nessa comunicação, com esse exemplo oswaldiano, mostrar que essa ideia de metáfora canibal abre caminho para diminuir as fronteiras que separam o *outro*, assegurando-lhe um lugar, um valor, uma acolhida. Sua sugestão de repastos canibais de ideias sugere seu desejo de uma “fusão ideal”. Seria ainda necessário distinguir entre os vários *outros* tomados como objetos do ato antropofágico oswaldiano. Nós nos contentamos aqui em distinguir a cultura ocidental como o *outro* que se trata de devorar, incorporar e transformar, desse *outro* da cultura ocidental que é o primitivo, o selvagem e o submisso.

Nos perguntamos se a utopia antropofágica oswaldiana não seria ela mesma já uma repetição do papel do “filho rebelde”, excluído, colonizado, que mata o pai e o devora cru coletivamente, como no mito freudiano da construção da sociedade e do fundamento das religiões. O *outro* cristão europeu, responsável pela nossa catequização, que é também objeto da antropofagia de Oswald (o Bispo Sardinha, marco do Manifesto Antropófago), já pratica ele mesmo uma antropofagia “simbolizada e recalçada”, como salientamos anteriormente em relação ao rito da comunhão cristã. Como seria então essa escala de *devorações*? Perguntamo-nos, ainda, até que ponto o próprio Oswald, com toda sua crítica, sua ironia latente, não traz também para seu trabalho alguns “recalques” na medida em que suas origens culturais são um misto de nacionalismo e de estrangeirismo, na medida em que ele teve uma *experiência por participação* da cultura europeia como apresentamos, devido às suas longas estadas na Europa.

Se ampliarmos ainda mais nossas questões e retomarmos a epígrafe com a qual abrimos essa comunicação: “Pode-se chamar de alteridade ao sentimento do outro, isto é, de ver-se o outro em si, de constatar-se em si o desastre, a morti-

ficação ou a alegria do outro”. E ainda, se entendermos esse *outro* como outro em si mesmo, ou seja, com suas próprias “outridades”. A alteridade só pode ser pensada se podemos *constatar em nós mesmos o sentimento do outro*, ou seja, uma vez que o “devoramos”, estamos *hospedando* e acolhendo o *outro como outro* devorado. O que nos coloca o problema de modificar o próprio título dessa comunicação, que era ele mesmo já uma questão: *Devoração ou Hospitalidade?* Nesse momento, seria mais justo acrescentarmos um “e” no lugar do “ou” e suspender a questão, pois não nos parecem mais opostos como antes.

A experiência do *dehors* em Foucault

Nossa comunicação tinha, ainda, como horizonte inicial, encontrar uma aproximação entre a antropofagia oswaldiana e os trabalhos de Michel Foucault. Nós nos baseamos na hipótese que ambos possuem uma relação secreta com *aquilo que é absolutamente outro*. A experiência do *dehors* (exterior) segundo Foucault, experiência limite da qual testemunha a literatura, é uma outra forma de encontrar um lugar de acolhimento, de “hospedagem”, para o *outro* excluído pela razão ocidental. Essas experiências estão no centro dos trabalhos de Foucault, que buscava na literatura uma forma de “sair” da filosofia, da filosofia no sentido acadêmico do termo,⁵ e se aproximar da literatura e de alguns artistas e poetas.

Na medida do limite de tempo e espaço de que dispomos nós podemos apenas indicar que a literatura é para ambos os autores o meio, o local de *encontro* com o *outro*. A literatura pela sua própria estrutura está apta a *acolher* e dar “voz” ao *outro*. Foucault postula uma vizinhança entre a *literatura* e a *loucura*. A literatura considerada, no caso, a partir do século XIX, como linguagem autorreferenciada, voltada para o ponto zero de onde se engendram as obras. Nesse movimento, a literatura se aproximaria da região em que se dá a experiência da loucura, segundo Freud. Com efeito, a partir de Freud, Foucault (1964) escreve:

A experiência da loucura se deslocou para uma última forma de interdição da linguagem (...) ela deixou de ser um erro de linguagem, uma blasfêmia proferida ou uma insignificação intolerável (...) ela apareceu como uma fala que se envolve ela mesma, dizendo outra coisa sobre o que ela diz. Fala, da qual ela é ao

⁵Sobre esse tema conferir as análises de Plínio Prado Jr. descritas no seu livro *Le Príncipe d’Université*, assim como, por exemplo, a referência ao texto de Schopenhauer, *Contra a filosofia universitária*.

mesmo tempo o único código possível: linguagem exotérica se se preferir, posto que ela detém a sua língua no interior de uma fala que não diz outra coisa, finalmente, senão essa implicação. (p. 445; tradução nossa)

O trabalho dessa fala que forja, por assim dizer, uma língua própria, seria o ponto comum, o ponto de vizinhança para Foucault entre linguagem e loucura.

É necessário ressaltar que entendemos a literatura como *acolhedora do outro* a partir dos trabalhos de Plínio Prado sobre a escritura de Beckett e Clarice Lispector. A literatura para eles é um modo de escritura que *lida antes com sentimentos, que é o “mais inalcançável”* [impronunciável, diz Prado]:

O sentimento é esse estado que se indica imediatamente na ocasião de um evento, de uma ocorrência, [...] de um “acontecimento”, um evento que vem perturbar a quietude da vida cotidiana e desorganizar a experiência daquela que o suporta sem suportar. [...] todo o desafio do conto “Amor” [por exemplo, para Clarice] consiste, não em cicatrizar “o mal” feito por esse evento, mas antes em “aprofundá-lo”, em testemunhar o evento enquanto tal, em escutar e atender aí o sentimento obscuro [como “outro”] que, embora excedendo a linguagem, pede entretanto para ser posto em palavras.

Esse modo de escrever, continua Prado (1989), “é que busca aprofundar e dizer o sentimento singular”. Clarice Lispector se consagra em inscrevê-lo na própria forma que procura testemunhá-lo, isto é, acolhê-lo. Esse sentimento singular está em perfeita consonância com os trabalhos de Foucault, com a sua “escritura da experiência”. Ora, observa Prado, “Esse inominável, sem medida comum com a experiência ou com a palavra eis o ‘absolutamente outro’...” (pp. 21-22).

Referências

- Andrade, O. (2011). *A utopia antropofágica – Obras Completas*. São Paulo: Globo.
- Campos, H. (1981, jul.). Da razão antropofágica: a Europa sob signo de devoração. *Revista Colóquio/Letras. Ensaio*, 62, 10-25.
- Foucault, M. “La folie, l’absence d’ouvre”, *La Table ronde: Situation de la psychiatrie*, Paris, pp. 11-21, maio de 1964. (Correspondente em : *Dits et Écris*, Tome I, texte n. 25, Paris: Éditions Gallimard).
- Foucault, M. (1986). *La pensée du dehors*. Paris: Éditions fata morgana.
- Nunes, B. (1979). *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva. (Coleção ELOS).
- Nunes, B. (2011). Introdução: “Antropofagia ao alcance de todos”. In Oswald de Andrade, *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo.

Prado, P. (1989). "O Impronunciável: Notas sobre um fracasso do sublime". In *Remate de Males*, Campinas, 9, 21-29.

Prado, P. (2009). *Le Príncipe d'Université: Comme droit inconditionnel à la critique*. Paris: Editions Lignes.

Resumos

(Devour or show hospitality?)

Our goal is to establish a relationship between Oswald de Andrade's anthropophagy and Michel Foucault's otherness. These two experiences show that literature has a secret relationship with what is absolutely other. Andrade assumes that cannibalism has an ambivalent sense in its relationship with the other: rivalry and identification. According to Foucault, the experience of outside (dehors), limiting the experience that literature witnesses, is another way of finding a place for "hosting" the other, a trend that has been excluded by Western reasoning.

Key words: Cannibalism, literature, dehors, another

(Dévoration ou Hospitalité?)

Notre objectif est d'élaborer le rapport entre l'anthropophagie d'Oswald de Andrade et l'altérité de Foucault. Ces deux expériences soulignent que la littérature entretient un rapport secret avec ce qui est absolument autre. Andrade soutient que l'anthropophagie possède un sens ambivalent dans son rapport à l'autre: rivalité et identification. Selon Foucault, l'expérience du dehors, expérience limite dont témoigne la littérature, est une façon différente de trouver un lieu «d'hospitalité» pour l'autre, ce qui a été exclu par la raison occidentale.

Mots clés: Anthropophagie, littérature, dehors, l'autre

(¿Devoración u hospitalidad?)

*Nuestro objetivo es elaborar una relación entre la antropofagia de Oswald de Andrade y la cuestión de la alteridad en Michel Foucault. Estas dos experiencias destacan que la literatura tiene una relación secreta con eso que es absolutamente **otro**. Andrade sostiene que el canibalismo tiene un sentido ambivalente en su relación con el otro: rivalidad e identificación. Según Foucault, la experiencia del afuera (dehors), es una experiencia limite de la cual la literatura es testimonio, es otra forma de encontrar un lugar de "hospitalidad" para el **otro**, el que fue excluido por la razón occidental.*

Palabras clave: Canibalismo, literatura, afuera (dehors), otro

(Das Verschlingen oder Inkorporation)

Unser Ziel besteht darin, zwischen der Anthropophagie Oswald de Andrades und der Alterität von Michel Foucault eine Wechselbeziehung herzustellen. Beide Erfahrungen heben hervor, dass die Literatur eine ambivalente Beziehung zu dem absolut Anderem hat. Andrade vertritt die Meinung, dass der Anthropophagie eine ambivalente Bedeutung in Bezug auf das Andere zukommt: Rivalität und Identifizierung. Laut Foucault ist die Erfahrung des Außerhalb (dehors), also eine Grenzerfahrung, wie sie in der Literatur bezeugt wird. Es ist eine andere Art und Weise das Andere „unterzubringen“, was von der westlichen Vernunft ausgeschlossen worden ist.

Stichworte: Anthropophagie, Literatur, dehors, Andere

Citação/Citation: Generoso, V. H. (2013, março). Devoração ou hospitalidade?. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(1), 160-171.

Editor do artigo/Editor: Fabiano Massarro Salvador

Recebido/Received: 2.12.2012/ 12.2.2012 **Aceito/Accepted:** 19.1.2013 / 1.19.2013

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Financiamento/Funding: A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author has no support or funding to report.

Conflito de interesses/Conflict of interest: A autora declara que não há conflito de interesses / The author declares that has no conflict of interest.

VIVIANE HORTA GENEROSO

Doutoranda em Filosofia na Université de Paris VIII – Vincennes à Saint Denis.
Université de Paris VIII
2 rue de la Liberté
93526 Saint-Denis, France
e-mail: hortaviviane@gmail.com